

ENTRE PROSAS E LINGUAGENS: OS GÊNEROS DISCURSIVOS

ABREU, Tânia Maria Bassetti de
BECALLI, Fernanda Zanetti

nandazbn@gmail.com

MARTINS, Eliane Dias
elianediasmartins@hotmail.com

RIOS, Elane Nardotto
elanenardoto@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre o conceito de gêneros do discurso, focando as reflexões do teórico russo Mikhail Bakhtin, dentro da perspectiva que orienta toda a sua obra, em que a linguagem é tomada como processo, na interação entre interlocutores. Dessa forma, trata questões como linguagem, discurso, gêneros literários, estilo e enunciado, problematizando-as e contrapondo-as a correntes teóricas vigentes em sua época, dentre as quais destaca o estruturalismo, que teve como principal representante o linguista Ferdinand de Saussure.

Palavras-chave: Linguagem, gêneros do discurso, enunciado

Iniciar uma discussão acerca dos gêneros discursivos numa perspectiva bakhtiniana implica primeiramente que olhemos para a Antigüidade Clássica no sentido de compreendermos o próprio olhar empreendido por Bakhtin ao versar sobre os gêneros do discurso. Em *Questões de Literatura e Estética*, especificamente no capítulo *Epos e romance*, o autor aponta que os gêneros literários na Antigüidade constituíam-se por seu acabamento, ou seja, possuíam uma forma composicional fixa, definida, e representavam um mundo lendário e distante do cotidiano e das experiências dos homens.

Os gêneros literários da Antigüidade Grega concebidos por Aristóteles e Platão, materializados nas obras *Poética* e *A República*, respectivamente, são definidos a partir de uma classificação que estabelece o gênero de acordo com formas específicas.

Aristóteles demonstra preocupar-se muito pouco com o espetáculo, com a representação no sentido de encenação, e volta-se essencialmente para a obra poética [...] **O que lhe interessa, no texto poético, é a sua composição**, sua poiësis, isto é, a sintaxe que organiza os fatos em história e ficção (COMPAGNOM, 2003, p. 104, grifo nosso).

Uma preocupação excessiva com a forma resultou em um esvaziamento do conteúdo social, isto é, os textos literários numa versão aristotélica não traduziam um contexto sócio-histórico-ideológico de uma época, uma vez que as vozes discursivas presentes nos textos estavam distantes das esferas sociais e reais do mundo.

A obra de Aristóteles é muito clara nesse sentido. Em sua *Poética*, os gêneros como obras da voz tomam como critério o modo de representação mimética. Poesia de primeira voz é representação da lírica; a poesia de segunda voz, da épica, e a poesia de terceira voz, do drama. Trata-se de uma classificação paradigmática e hierárquica, facilitada pela observação das formas no interior de um único meio: a voz (MACHADO apud BRAIT, 2005, p. 151).

Podemos afirmar que os gêneros literários, nessa vertente, fomentavam um “mundo extraordinário”, já que não correspondiam a um contexto social e real do homem grego. As histórias de Homero, como exemplo, suscitam um afastamento do leitor da sua realidade, visto que os personagens estão distantes de situações conflituosas e deslocados de um contexto político-social. Em outras palavras, trata-se de lendas com uma riqueza de imagens e organização sintática próprias para encantar.

Os poemas homéricos [...] entre lutas e paixões, aventuras e perigos, mostram- nos caçadas e banquetes, palácios e choupanas de pastores, competições e lavatórios – para que observemos os heróis na sua maneira bem própria de viver e, com isso, nos alegremos ao vê-los gozando o seu presente saboroso[...]. Nesse mundo “real” existente por si mesmo, no qual somos introduzidos por encanto, não há tampouco outro conteúdo a não ser ele próprio (AUERBACH, 1992, p. 10, grifo do autor).

Bakhtin, por seu turno, interessou-se pelo “mundo ordinário” (o riso, a comédia, as praças públicas, a feira), ou seja, deteve-se naquilo que era produzido na ‘marginalidade’, como forma de aproximar-se da prosa que se fazia presente no mundo dos homens ‘de carne e osso’. Para isso, escolheu o romance, gênero por excelência inacabado, por trazer em seu bojo línguas vivas e as vozes dos homens de uma época.

A valorização do romance nos estudos de Bakhtin não se deve ao fato de ele ser o gênero maior da cultura letrada. Na verdade, o romance só lhe interessou porque nele Bakhtin encontrou a representação da voz na figura dos homens que falam, discutem idéias, procuram posicionar-se no mundo (MACHADO apud BRAIT, 2005, p. 153).

As vozes dos homens que falam e, conseqüentemente, interagem uns com os outros, estão *ligadas ao uso de linguagem* e subordina-se às condições sociais de comunicação, o que implica uma relação com todas as instâncias da sociedade. Utilizando-se constantemente da linguagem no âmbito das dimensões discursivas, podemos inferir que ela relativamente estabiliza-se, logo, temos os gêneros do discurso.

Entretanto, os gêneros, numa perspectiva bakhtiniana, não se constituíram como objeto de atenção dos estudos anteriores a Bakhtin, o que justifica o seu olhar crítico para a tradição dos gêneros literários na Antiguidade Clássica. A questão para os antigos, bem como o estruturalismo dos behavioristas e de Saussure, estava associada a uma dificuldade de

sistematização dos gêneros discursivos, já que Bakhtin defende a tese de que a linguagem é parte constitutiva dos homens e, nesse âmbito, inclui desde curtas réplicas do diálogo cotidiano e relatos familiares até exposições científicas e modos literários.

A natureza da diversidade dos gêneros do discurso está em estreita relação com a diversa e inesgotável atividade humana. Cada situação de comunicação acontece em condições e finalidades específicas, o que produzirá marcas nas três dimensões que caracterizam os gêneros: o conteúdo (tema), o estilo verbal (seleção de recursos da língua) e, sobretudo, a construção composicional. Nessa perspectiva, os gêneros do discurso são definidos como *tipos relativamente estáveis de enunciados*, elaborados pelas esferas de utilização da língua, sem os quais a comunicação torna-se quase impossível.

Devido à heterogeneidade dos gêneros, perpassando circunstâncias imediatas como as conversas do cotidiano até as circunstâncias mais complexas de comunicação cultural, como o romance e as pesquisas científicas de toda espécie, Bakhtin diferenciou os gêneros discursivos em primários (simples) e os secundários (complexos).

Todavia, diferenciar os gêneros numa perspectiva sócio-discursiva de linguagem não significa estruturá-los e categorizá-los, uma vez que os gêneros primários e secundários não se sobrepõem, e sim interpenetram-se. Nesse sentido, Bakhtin privilegia o estudo do romance, por considerá-lo em sua essência “um fenômeno pluriestilístico, plurilinguístico e plurivocal”.⁴ Segundo o autor, o romance (gênero secundário) apresenta em seu interior gêneros primários, como as réplicas do cotidiano ou cartas pessoais, que adquirem características particulares, mantendo “[...] a sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco” (BAKHTIN, 2003, p. 264).

Machado (2001), em *Gêneros e a ciência dialógica do texto*, discute a noção de texto a partir da relação entre os gêneros primários e secundários no *famigerado* romance de Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*. No trecho em que Riobaldo, o narrador da história, recorda-se dos versos de um outro, *aquele Siruiz*, mistura a sua voz na voz do outro, materializando um processo de recriação.

Dentro do discurso narrativo enunciado pela voz, está o discurso da memória, palco da criação de versos tecidos por outras vozes – novas e antigas. [...] Versos que reinventados criam uma rede descentralizada visto ser impossível chegar aos gêneros primários formadores. No conjunto, o fragmento e a expressão de um caso: enunciado pela fala de um, retoma e reelabora fala de outros – que podem ser até inventadas.

⁴ Esses conceitos estão contemplados na obra *Questões de literatura e estética*, e todos eles estão relacionados às vozes humanas materializadas no gênero romance: a voz do autor intercambiadas com as vozes dos personagens com suas visões de mundo, correspondendo a um contexto sócio-histórico-ideológico em que o romance foi constituído.

O movimento entre os gêneros primários e secundários processados pelo prodígio da memória e pela fala devoradora de Riobaldo mostra como a vida dos gêneros faz da textualidade em tecido de redes discursivas, algo que jamais poderia ser alcançado dentro de uma teoria textual que entende por gêneros apenas classes e tipos fixos de textos (MACHADO, 2001, p. 240-241).

Aristóteles, em *Poética*, define os gêneros literários Tragédia, Épica e Lírica como formas composicionais diferentes, ou seja, as partes constitutivas da estrutura que os compõem e identificam. Ao eleger os gêneros com uma estrutura fixa e definida, Bakhtin nos aponta que Aristóteles ‘descartou’ outras possibilidades exatamente por não se enquadrarem na formatação postulada na *Poética*. É relevante notar, portanto, que mesmo entre os ‘eleitos’, não havia uma relação de igualdade. “Se a tragédia se distingue por todas estas vantagens e mais pela eficácia de sua arte (ela deve proporcionar não um prazer qualquer, mas o que por nós foi indicado), é evidente que, realizando melhor sua finalidade, ela é superior à epopéia” (ARISTÓTELES, 2004, p. 97).

Bakhtin diferenciou os gêneros do discurso em primários e secundários, mas a relação que se estabelece entre eles é de equilíbrio, isto é, não há uma sobreposição de um sobre o outro. Para ele, é essencial a qualquer estudo linguístico, tanto aprofundar-se na inter-relação entre os gêneros primários e secundários, bem como no processo de formação deste último. Desta forma, torna-se possível compreender a natureza verbal dos gêneros discursivos, superando o formalismo e a abstração de muitas teorias.

No âmago da questão dos gêneros, Bakhtin identifica como sendo de importância fundamental para todas as áreas da linguística e da filologia descobrir a natureza do enunciado. É por meio do estudo do enunciado e de sua diversidade que os pesquisadores extraem os fatos linguísticos que necessitam para identificar em que esferas da atividade e da comunicação humanas estão inseridos os gêneros do discurso. Estudar as particularidades desses enunciados leva ao conhecimento da concretude que a língua traz nos relacionamentos entre os integrantes de um discurso, além de nos permitir conhecer o processo histórico dos gêneros discursivos. Para Bakhtin, a língua faz parte da vida por meio dos enunciados concretos que a materializam e é também através dos enunciados concretos que a vida concretiza-se na língua.

Nesse contexto, Bakhtin procura trazer à discussão a questão da linguística, entre eles a estilística. Ele conceitua estilo linguístico como um *gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana* (ex: científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e que gera um tipo de gênero (enunciado) com a mesma configuração do ponto de vista

temático, composicional e estilístico. Então, conclui que o estilo entra como elemento na unidade de um gênero, de um enunciado.

Ele observa que, na estilística, nem todos os gêneros são aptos a refletir a individualidade do enunciado. Ele cita como os mais favoráveis à individualização do enunciado os gêneros literários, que trazem a(s) voz(es) do(s) autor, que tem “liberdade” para exprimir sua individualidade em seus textos, mas que, de certa forma, é um produto complementar do gênero. Em contrapartida, Bakhtin aponta documentos padronizados como os gêneros de menor possibilidade de influência de um estilo, pois seguem normas, padrões que impedem (ou dificultam) a expressão da individualidade. Para o autor, os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso são os elos de transmissão que levam da sociedade a história da língua. Cada enunciado tem um lugar de onde se fala, para quem se fala, e que vai sendo alterado a partir do momento em que se alteram/alternam esses enunciadorees/enunciatários, esses lugares.

Desta forma, Bakhtin ao definir os elementos constitutivos dos gêneros discursivos (estilo de linguagem, forma composicional e conteúdo temático) coloca-os no âmbito da inseparabilidade, o que implica levá-los em consideração a fim de compreender a totalidade dos gêneros como *uma unidade real da comunicação discursiva*. Dessa maneira, contrapõe-se à fragmentação empreendida pelas duas orientações linguísticas de sua época: Subjetivismo Idealista e Objetivismo Abstrato, uma vez que ambas não compreenderam a totalidade da linguagem materializada nos gêneros do discurso.

O Subjetivismo Idealista interpretou a comunicação a partir de uma das dimensões dos gêneros discursivos: o estilo. Tanto Humboldt como Vossler (representantes dessa orientação) conceberam a função da língua como depósito inerte para transmitir a expressão e criação individual do locutor na cadeia discursiva. Para o Objetivismo Abstrato, a forma composicional dentre os elementos dos gêneros interessou-lhe, já que Saussure (representante dessa segunda orientação) desconsidera a fala individual e criativa, em prol de um *centro organizador*: as estruturas de uma língua que permitam uma ‘harmoniosa’ comunicação entre os falantes.

Nesse sentido, as duas correntes, na perspectiva de Bakhtin, se ‘esqueceram’ de elementos cruciais: para quem é dito (receptor) e, conseqüentemente, o que é dito (conteúdo). O ouvinte, nesse âmbito, ora contempla de forma passiva a criação estilística dos falantes, ora contempla um sistema de normas emitido pelo locutor. O conteúdo temático (o que é dito numa situação social) nada referencia para os ouvintes, uma vez que estes não se relacionam de forma ativa.

Até hoje ainda existem na linguística ficções como o ‘ouvinte’ e o ‘entendedor’ (parceiros do ‘falante’, do ‘fluxo único da fala’, etc.). Tais ficções dão uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva. Nos cursos de Linguística Geral (inclusive o de Saussure), aparecem com frequência representações evidentemente esquemáticas dos dois parceiros da comunicação discursiva – o falante e o ouvinte (o receptor do discurso); sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Bakhtin ainda acrescenta que o ouvinte posiciona-se em relação ao discurso emitido pelo falante com uma *ativa atitude responsiva*, o que significa levar em consideração o que é dito, por quem, para que finalidade e em que situação, tendo em vista um ouvinte que,

Ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso, [...] concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. Essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início [...] (BAKHTIN, 2003, p. 271)

Da mesma forma que *o ouvinte se torna falante responsivo*, este por sua vez se prontifica para a responsividade do receptor, uma vez que não espera uma compreensão passiva do seu enunciado. Ademais, o falante, ao elaborá-lo, é um *respondente*, porque ao construir o enunciado “lançou mão” de outros enunciados para consubstanciar-se com o seu. Assim, na vida social dos falantes e ouvintes, não existe passividade em nenhuma das partes.

A *ativa atitude responsiva* coloca em xeque teorias empreendidas nos cursos de linguística geral, já que estes desarticulam a fala de um elo enunciativo entre os interlocutores para trazê-la ao âmbito da estrutura: orações, palavras, até se chegar aos fonemas. Saussure, em *Curso de Linguística Geral*, como exemplo, desconsiderou a totalidade da linguagem, ou seja, o enunciado, ao separar a língua da fala. O autor, ao estabelecer o seu objeto de estudo – o sistema da língua –, esvaziou-a e obliterou toda a subjetividade do falante e ouvinte (a relação intersubjetiva) para compreendê-la como uma estrutura normativa a ser internalizada passivamente. “A língua não constitui, pois uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação” (SAUSSURE, 2004, p. 22).

Fluxos da fala, bem como elos enunciativos ou cadeia discursiva numa perspectiva bakhtiniana, implica compreender o enunciado como *uma unidade real da comunicação*, o que contraria a fala como algo convencionalizado e limitado, concebido de forma fragmentada (unidades de uma língua).

Bakhtin propõe três características intrínsecas ao enunciado a fim de que compreendamos a sua relação com as atividades humanas no que concerne a linguagem. No lugar do artificialismo, concebemos falantes e ouvintes como homens “de carne e osso” (mencionados no início dessa seção). Para isso, *a alternância dos sujeitos do discurso*, que se denomina *réplicas*, é parte constitutiva da interlocução.

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros [...]. O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva (BAKHTIN, 2003, p. 275).

A *alternância dos sujeitos* nos leva a segunda particularidade do enunciado: a conclusibilidade. Esta, por sua vez, cambiará de acordo com as escolhas dos gêneros do discurso e as relações entre os interlocutores da enunciação. Um diálogo do cotidiano será concluído a partir do que for estabelecido pelos enunciadores. Já uma ordem militar caracteriza-se por uma conclusão imediata, o que não acontece, por exemplo, com o romance, uma vez que a conclusibilidade pode estar no âmbito das *atitudes responsivas* posteriores efetivadas pelo leitor. Geraldi (2003) aponta que, lendo a palavra do outro, podemos descobrir outras formas de pensar que, contrapostas às minhas, podem me levar à construção de novas formas, sendo o texto o mediador da interlocução.

A terceira peculiaridade do enunciado é a relação deste com o falante e com outros participantes da comunicação discursiva. A materialização dos gêneros do discurso incide “duplamente” na ideia de sujeito: o falante, ao elaborar o seu enunciado imprime nele um *tom valorativo emocional*, já que vai levar em consideração as *visões de mundo, antipatias e simpatias* que caracterizam o ouvinte de seu discurso. Há, neste caso, uma antecipação por parte do falante em relação à *atividade responsiva* do destinatário.

Diante das características do enunciado, logo dos gêneros do discurso, faz-se necessário questionar: “Pode-se considerar o elemento expressivo do discurso um fenômeno da língua como sistema? Pode-se falar de aspecto expressivo das unidades da língua, isto é, das palavras e orações?” (BAKHTIN, 2003, p. 289).

Nesse percurso, entendemos com Bakhtin que a oração é uma unidade neutra, abstrata, relativamente acabada e desprovida do contato imediato com a situação extraverbal, tendendo a estabilidade e a permanência pelas suas fronteiras gramaticais. Já o enunciado, na dialogicidade de Bakhtin, é concebido pela *alternância dos sujeitos falantes* num contato

imediatamente com a realidade, dispondo da capacidade de determinar imediatamente a *atitude responsiva* do outro.

A oração só tem a capacidade de se tornar uma expressão de posição do falante individual em uma situação concreta de comunicação discursiva quando ela funciona em um enunciado concreto que tende ao fluxo contínuo da linguagem. Na oração isolada *hoje é meu aniversário*, há uma compreensão em seu significado linguístico, uma vez que não ocupa uma *atitude responsiva*. Entretanto, se essa mesma oração estiver delimitada pela alternância das vozes dos sujeitos do discurso, ela suscitará as *contrapalavras* do outro.

Nesse sentido, a oração enquanto elemento significativo dos elos enunciativos poderá suscitar diferentes respostas, dependendo da situação extraverbal em que estiver inserida. O enunciado pode ser, por exemplo: “Hoje é meu aniversário. Que alegria!”. A compreensão responsiva: “Sim. Teremos uma grande festa!”. Porém, o enunciado pode ser também assim: “Hoje é meu aniversário. Que tristeza!”. E a *atitude responsiva*: “Estou ficando mais velha” ou “Agora tenho um ano a menos de vida”. Assim, cada *atitude responsiva* vai depender do contexto enunciativo.

Segundo essa distinção, todo enunciado envolve uma produção e um ato de *compreensão ideológica ativa*, ou seja, uma resposta por parte do interlocutor que é oferecida por suas *contrapalavras* na construção do sentido que se constitui na e pela relação verbal entre interlocutores. Essa compreensão do sentido constitui-se num processo dialógico ativo, conferido por um contexto e uma situação de uma enunciação particular, em que se busca o caráter de novidade e não somente de conformidade à norma, como é o caso da oração isolada, em que é possível compreender o significado somente em seus aspectos linguísticos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Bakhtin, ao versar sobre os gêneros do discurso, suscitou a possibilidade de se refletir acerca da constituição do ser humano através de processos interativos que se materializam no meio social. Ao interessar-se pela vida real dos sujeitos que falam e produzem sentidos na interlocução, cambiou para uma visão de mundo que, numa busca das formas de instauração das significações da vida, resvala pela abordagem linguístico discursiva, crítico literária e filosófica (BRAIT, 2005).

Para isso, creditou na prosa, que se faz presente na vida cotidiana, o cerne da construção e autoconstrução de um homem que se relaciona com os seus pares por meio de *enunciados relativamente estabilizados*, os quais ele denominou de gêneros do discurso. E, como nos diria Machado (2005), o mundo prosaico é um grande potencializador dos gêneros discursivos que proporcionam as formas genéricas dos enunciados pronunciados pelos falantes.

Desta forma, a tese bakhtiniana, em que os sujeitos integram-se por meio de gêneros, nos faz compreender a sua oposição às correntes linguísticas de sua época, bem como os gêneros literários da antiguidade, uma vez que esses estudos, apesar de sua validade e construção, não correspondiam de forma efetiva com a visão de que *Ser humano é significar*. Nesse sentido, torna-se patente os pressupostos filosófico-discursivos que subjazem os encontros das pessoas, por meio da linguagem, concretizados nos gêneros discursivos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

AUERBACH, Erich. **Mimésis: a representação da realidade na literatura universal**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos- chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Os gêneros e a ciência dialógica do texto. In FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. 3. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.